

QUANDO A VIDA VIRA PALAVRA: DORORIDADE E ESCREVIVÊNCIA EM *CARTAS PARA MINHA AVÓ*, DE DJAMILA RIBEIRO

CARTAS PARA MINHA AVÓ, DE DJAMILA RIBEIRO
WHEN LIFE BECOMES A WORD: *DORORIDADE* AND *ESCREVIVÊNCIA* IN *CARTAS PARA
MINHA AVÓ*, BY DJAMILA RIBEIRO

Cássia Rita Sorgetz Pastore

Mestranda em Literatura Comparada na Universidade
Federal da Integração Latino-Americana- Brasil.

E-mail: cassiapastore73@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-1396-6682>

Rosângela Aparecida Marquezi

Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade
Tecnológica Federal do Paraná - Brasil. Professora da

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Brasil

E-mail: marquezi@utfpr.edu.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8597-583X>

Evander Ruthieri Saturno da Silva

Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná -
Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na

Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil e realiza

estágio pós-doutoral em História na University of Potsdam

- Alemanha. Professor Adjunto da Universidade Federal da
Integração Latino-Americana - Brasil.

E-mail: evander.silva@unila.edu.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5988-3739>



RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o livro *Cartas para minha avó* (2021), de Djamila Ribeiro, a partir dos conceitos de Dororidade e *escrevivência*. Inicialmente, discutimos como a Dororidade – termo proposto por Vilma Piedade (2017) – se manifesta nos laços de afeto e partilha de dores entre Djamila e outras mulheres negras, fortalecendo redes de acolhimento fundamentais para sua trajetória. Em seguida, refletimos sobre o processo de *escrevivência*, conforme delineado por Conceição Evaristo (2020), como instrumento que possibilita à autora compreender e narrar vivências marcadas pelo racismo cotidiano. A obra, escrita em forma epistolar, apresenta relatos autobiográficos nos quais a narradora-autora “conversa” com sua avó, já falecida, transitando entre presente e passado para ressignificar acontecimentos de sua infância e vida adulta. A pesquisa foi realizada por meio de estudo bibliográfico, utilizando contribuições teóricas de Vilma Piedade (2017), Conceição Evaristo (2020) e Djamila Ribeiro (2018). Ao final da análise, constatamos que a *escrevivência* e a Dororidade se fazem presentes na narrativa, sendo suporte e potência para o desenvolvimento das mulheres negras retratadas no livro. As vivências que se tornam escrita permitem que a narradora-autora enfrente as adversidades impostas pela estrutura racista da sociedade e compreenda que a partilha e a memória são caminhos de reexistência.

PALAVRAS-CHAVE: Dororidade; *escrevivência*; cartas; racismo; literatura feminina.

ABSTRACT: This article aims to analyze the book *Cartas para minha avó* (2021), by Djamila Ribeiro, based on the concepts of *Dororidade* and *escrevivência*. Initially, we discuss how *Dororidade* – a term proposed by Vilma Piedade (2017) – manifests itself in the bonds of affection and sharing of pain between Djamila and other black women, strengthening support networks that are fundamental to her trajectory. Next, we reflect on the process of *escrevivência*, as outlined by Conceição Evaristo (2020), as an instrument that allows the author to understand and narrate experiences marked by everyday racism. The work, written in epistolary form, presents autobiographical accounts in which the narrator-author “talks” to her grandmother, who has already passed away, moving between the present and the past to resignify events from her childhood and adult

life. The research was carried out through a bibliographic study, using theoretical contributions from Vilma Piedade (2017), Conceição Evaristo (2020) and Djamila Ribeiro (2018). At the end of the analysis, we found that *escrevivência* and *Dororidade* are present in the narrative, supporting and empowering the development of the black women portrayed in the book. The experiences that become writing allow the narrator-author to face the adversities imposed by the racist structure of society and understand that sharing and memory are paths to reexistence.

KEYWORDS: *Dororidade*; *escrevivência*; cards; racism; women's literature.

1 Introdução

Objetivamos, neste artigo, analisar o livro *Cartas para minha avó*, da escritora afro-brasileira Djamila Ribeiro, publicado em 2021, a partir do conceito de Dororidade¹, que articula experiências compartilhadas de dor entre mulheres negras como base para a construção de solidariedades e afetos. Nossa análise tem por foco a compreensão de como a Dororidade permeia as relações e a trajetória da narradora, especialmente nos vínculos afetivos entre ela, sua avó, sua mãe, sua filha e dentre outras mulheres que são também retratadas no livro. Além disso, lançamo-nos a um olhar para o papel da *escrevivência* como ferramenta de resistência e construção de identidades na medida que evidencia a luta pela igualdade de gênero e raça. A *escrevivência* revela que transformar a vida em palavra é também um gesto de reexistência, pois escrever é resistir e, ao mesmo tempo,

¹ Apresentamos a palavra Dororidade sempre com a letra inicial maiúscula, da mesma forma que Vilma Piedade, autora do termo, a utiliza.

reinventar modos de ser e permanecer no mundo.

O livro de Djamila Ribeiro é narrado em forma de cartas por uma remetente, que chamamos aqui de narradora-autora, que decide escrever/contar suas angústias, felicidades, infelicidades e as vivências do seu dia a dia à avó, já falecida. O fato de essa narradora-autora ser negra potencializa a narrativa e mostra-nos uma realidade dura enfrentada por ela, que não possui uma vida fácil, sofrendo “[...] dupla violência: [pois] somos violentadas pelo racismo e por enfrentá-lo” (Ribeiro, 2021, p. 28). O livro revela a dureza da vida por ela enfrentada e como, por meio das cartas, consegue dar início a mudanças significativas em sua vida. Nesse sentido, é que a Dororidade e a escrevivência se insurgem como forma de reexistência.

A Dororidade, conceito criado pela professora e escritora Vilma Piedade, tem ligação com a palavra sororidade, mas apresenta um sentido mais profundo e complexo que envolve e representa a cultura feminina negra. De acordo com Piedade (2017), esse neologismo, diferente da sororidade, envolve a busca pela libertação de mulheres negras que sofreram não apenas pelo machismo, mas também pelo racismo e todos os percalços decorrentes de uma longa e injusta luta pela igualdade de gênero, de identidade e de raça. A escrevivência, conceito proposto pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, traz em seu bojo o entendimento de que a escrita de mulheres negras, mesmo sendo em primeira pessoa, individual, carrega em si as marcas de toda

uma coletividade. Na busca de entendermos como a Dororidade e a escrevivência possibilitam à narradora-autora problematizar as ausências, os silenciamentos e os apagamentos da mulher negra em *Cartas para minha avó*, recorreremos à bibliografia e fortuna crítica que abordam as principais discussões mobilizadas na análise, tendo como base os estudos de Vilma Piedade (2017), Conceição Evaristo (2020), Djamila Ribeiro (2018), dentre outras e outros autoras/es que contribuem para o nosso estudo.

Desse modo, o artigo parte da escuta atenta de vozes afro-femininas na literatura, com ênfase nos conceitos de escrevivência e Dororidade como chaves de leitura para a obra *Cartas para minha avó*, de Djamila Ribeiro. A partir da escrita que emerge da dor partilhada, na qual a vida vira palavra e a experiência pessoal de Djamila torna-se uma narrativa, buscamos refletir sobre como ela partilha suas experiências pessoais em uma dimensão coletiva e política. Ao longo do texto, discutimos o papel da literatura produzida por mulheres negras, os atravessamentos afetivos e históricos que moldam suas narrativas e os modos como Djamila Ribeiro mobiliza a figura da avó como elo de resistência e herança.

2 A literatura com forma de reexistência

A literatura desempenha um papel importante na sociedade, enquanto expressão artística e cultural constitutiva das relações sociais e da experiência humana. Dentre suas funções, conforme o professor e crítico literário Antonio Candido (2011), está o

aspecto da humanização, que tem o poder de confirmar nas mulheres e nos homens a sua própria humanidade. A literatura é, portanto, vista como um objeto cultural, capaz de representar ou ressignificar experiências sociais, conectando-se assim a outros gêneros escritos e orais que buscam construir sentidos à realidade social: nenhum povo e nenhum indivíduo consegue viver plenamente sem algum tipo de fabulação, ou seja, sem o contato com narrativas ficcionais que organizam simbolicamente o mundo (Candido, 2011).

A criação poética e/ou ficcional – que é parte da literatura – está presente em todos os indivíduos, sejam eles com ou sem instrução, segundo Antonio Candido (2011); dessa forma, entendemos que ela é parte estruturante e, portanto, fundamental para o bom viver – tanto do ponto de vista individual como coletivo – das pessoas. Assim como os sonhos, ela é parte rotineira da vida de todos os indivíduos e “[...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Candido, 2011, p. 177). Entre as diversas possibilidades de abordagem, a literatura pode ser entendida a partir de três dimensões fundamentais: como criação de objetos artísticos dotados de estrutura e sentido próprios; como meio de expressão de sentimentos e percepções de mundo, tanto individuais quanto coletivos; e como forma de conhecimento, ainda que muitas vezes se

manifeste de maneira implícita ou inconsciente (Candido, 2011).

Podemos, então, considerar a literatura como um objeto cultural dotado de energia social, capaz de construir sensibilidades, representações e imaginários constitutivos da realidade social. Além disso, pode ser mobilizada de forma a problematizar as relações de poder e processos de violência, exclusão e marginalização social. Destacamos, aqui, as literaturas de autorias negras que, das margens do cânone, têm problematizado a persistência do racismo e de outras formas de violência física e simbólica, além de recuperar histórias e memórias invisibilizadas e silenciadas. Desse modo, partimos da importância de pensar essas literaturas como reexistência², pois rompem com a reprodução de estereótipos sociais que muitas vezes são trazidos pela escrita “branca” e que acentuam desigualdades.

Assim, entendemos a literatura de reexistência como uma forma de reivindicar visibilidade a tantas vozes que foram por muito tempo tratadas como inexistentes, ou, em outras palavras, uma forma dessas pessoas reexistirem no mundo. Conforme Ana Lúcia Silva Souza, Ione Jovino da Silva e Cassandra da Silva Muniz (2018, p. 1, grifo das autoras), “é preciso REEXISTIR. E reexistir ainda mais e mais em um contexto social, político e econômico que nos oprime cotidianamente

² Aqui, “[...] o conceito de letramento de reexistências ganha força ao buscar apreender, entender as práticas cotidianas de uso da linguagem que provocam releituras

de identidades étnicas, de gênero, sexualidade, políticas, dentre outras” (Souza; Silva; Muniz, 2018, p. 2).

exigindo reposicionamentos de nossos lugares de atuação”.

Se as literaturas de autorias negras já se encontram à margem, as escritas de mulheres negras estão ainda mais. Os estudos literários e a historiografia, somados aos estudos feministas, têm demonstrado os processos de invisibilização e silenciamento que recaíram sobre a autoria feminina. Isso é percebido mais ainda em relação à representação de mulheres negras, ou outros corpos racializados, que têm sido perpassada abundantemente por estereótipos e adjetivações negativas. Quando o assunto é a representação e registro da presença de mulheres negras na literatura – que já é escasso – ainda se tem de lidar com dores, inverdades e difamações, pois, como afirma a historiadora Margareth Rago (2018, p. 582), “normalmente, as mulheres negras são apresentadas, na documentação disponível, como figuras extremamente rudes, bárbaras e promíscuas, destituídas, portanto, de qualquer direito de cidadania [...]”.

Desse modo, quando falamos da presença das mulheres no campo literário há que nos perguntarmos, como pontua Djamila Ribeiro (2016, p. 21): “[...] de quais mulheres estamos falando? ‘Mulheres’ não pode ser uma categoria única e universal” (Ribeiro, 2016, p. 21, grifo da autora). Essa problematização é central para os estudos feministas contemporâneos, que compreendem a multiplicidade de experiências marcadas por recortes de classe, raça, sexualidade, território, entre outros. Nesse sentido, o uso da grafia no plural – *feminismos* – não é meramente estilístico, mas político e teórico. Ao

entendermos o termo no plural, reconhecemos a diversidade de perspectivas dentro dos movimentos feministas, incluindo aquelas formuladas a partir das experiências de mulheres negras, indígenas, periféricas, entre outras vozes historicamente marginalizadas, para assim valorizar “o mundo das infinitas diferenças e possibilidades, no espaço aberto e pleno de significados potenciais das zonas de contato que as múltiplas intersecções do gênero nos oferecem” (Schmidt, 2004, p. 19-20).

É imprescindível, portanto, que a produção literária de mulheres negras seja analisada levando-se em conta essas distinções. Historicamente, o acesso à leitura e à escrita esteve restrito a grupos oriundos das elites. Mulheres negras, por sua vez, enfrentaram (e continuam enfrentando) múltiplas formas de opressão, atravessadas por gênero e raça. A crítica feminista, especialmente em diálogo com os feminismos negros, tem chamado a atenção para o modo como essas mulheres foram silenciadas nos espaços de produção simbólica. Suas vozes têm sido excluídas dos cânones literários e acadêmicos, apagadas por uma lógica que privilegia narrativas hegemônicas e eurocentradas. Por isso, a importância de “REEXISTIR”, como afirmam as autoras Souza, Silva e Muniz (2018).

Essa reexistência possui múltiplas formas, mas podemos destacar aqui a construção de redes de solidariedade entre mulheres negras e a valorização de suas próprias narrativas como ferramentas de enfrentamento ao silenciamento histórico.

Como aponta a socióloga Patricia Hill Collins (2019), ao discutir os feminismos negros, as narrativas de autodefinição que se materializam em autobiografias, romances, poemas e ensaios tornam-se espaços de elaboração de subjetividades, de denúncia das violências estruturais e, sobretudo, de afirmação de existências. Essas produções têm o poder de não apenas romperem com os discursos dominantes, mas reconfigurarem o lugar das mulheres negras como sujeito ativo da experiência e do conhecimento.

Nesse panorama, torna-se urgente ampliar a representatividade e a visibilidade das autoras negras em todas as esferas sociais, incluindo o campo literário. Isso implica não apenas reconhecer suas produções, mas fomentar políticas e práticas de incentivo à leitura, publicação e circulação dessas obras. Como ressalta Ribeiro (2018), as feministas negras contemporâneas têm reiterado a importância da ruptura com o silêncio como condição fundamental para a sobrevivência das mulheres negras. É por meio da apropriação da própria voz que se torna possível tensionar estruturas de exclusão e transformar realidades. Essa transformação, contudo, exige uma mudança profunda nos modos de pensar e operar da sociedade.

Os feminismos negros, ao denunciar as formas sistemáticas e interseccionais de exclusão e violência, tem recuperado as experiências históricas de mulheres negras, suas formas de agência e resistência na cultura e na sociedade. Conforme Ribeiro, “[...] nesse sentido, a mulher negra, ao passar a falar de si, poderia contribuir por meio de sua perspectiva

com a teoria feminista por oferecer novas possibilidades de enfrentamento e ações políticas” (Ribeiro, 2016, p. 23). Essa fala evidencia a importância da escrivência que perpassa a escrita de Djamila Ribeiro em *Cartas para minha avó*, pois entendemos que, para a narradora-autora, a escrita lhe serve de auxílio e suporte para viver e suportar os desafios que lhe são impostos, de forma que consegue reexistir – por meio da escrita – em uma sociedade que não lhe é nada favorável. É essencial, portanto, que existam mais representações e registros dessas escritas, afinal, a literatura também é (ou deveria ser) um importante meio para a erradicação de preconceitos.

Ao considerar-se a produção literária de mulheres negras, a crítica literária e a historiografia da literatura tem recorrido à expressão “literatura afro-feminina”, e que segundo Ana Rita Santiago da Silva (2010), é marcada pela abordagem de temas ligados ao feminismo negro, à ancestralidade e às vivências pessoais, e pela afirmação das vozes femininas negras que constroem novas imagens de si mesmas, rompendo com silenciamentos e com o domínio dos discursos masculinos. Conforme Priscilla Patrício de Holanda, Anaiara Lourenço da Silva, Zuleide Aparecida Julião Barbosa e Maria Zenaide Alves (2023), a escrita literária tem sido ferramenta de luta contra o apagamento histórico e cultural das mulheres negras, mas ainda há muitos desafios e precisamos reconhecê-los para melhor os enfrentarmos. Nesse contexto, cabe a nós, leitoras e leitores, assumir uma postura crítica e engajada ao

escolher, ler e valorizar as obras de autoras negras - reconhecendo a legitimidade de seus saberes, respeitando suas experiências e se abrindo para imaginar o mundo a partir de "[...] outras lentes e geografias da razão" (Ribeiro, 2018, p. 27).

A força e a relevância das mulheres negras na literatura se dá não apenas pela ampliação de suas vozes, mas também pelo enriquecimento das experiências e culturas que emergem de suas narrativas. Essas escritoras desafiam estereótipos, rompem silêncios e contribuem com perspectivas únicas, promovendo maior inclusão e diversidade no campo literário. Nesse entrelaçamento de vozes, memórias e vivências que atravessam a literatura afro-feminina, destaca-se o conceito de "escrevivência", conforme cunhado por Conceição Evaristo em 1995, por ocasião da escrita de sua dissertação de mestrado. Seu sentido engloba o processo de escrita literária de autoria negra feminina que se volta às demandas das mulheres negras na diáspora, abrangendo as diversas vivências, pois, como afirma Evaristo (2020, p. 30), "[...] nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem [...]". Entendemos, assim, que a escrevivência é mais do que apenas o "ato" de escrever, mas todo um conjunto de memórias coletivas, sentidos e sentimentos que, juntos, formam algo maior e que servem de expansão e auxílio a quem o utiliza, mesmo que sem intenção, afinal:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2020, p. 30).

O conceito e o ato da escrevivência são pontes importantes entre trajetórias de vida e produção literária. Assim, a escrita de mulheres negras, ao ser constituída por suas experiências socioculturais e intergeracionais, é caracterizada como escrevivência. Em *Cartas para minha avó*, Djamilia Ribeiro deixa evidente a necessidade dessa escrita e nos mostra que direciona seus sentimentos a partir dela, de modo que esta serve para lhe confortar: "Fui abraçada por essa literatura que me salvou muitas vezes de tristeza e da incompreensão" (Ribeiro, 2021, p. 193).

Djamilia Ribeiro é uma autora de destaque - com livros que alcançaram listas de mais vendidos e se tornaram *best-sellers* em diversas livrarias -, mas sua trajetória ainda representa uma exceção em um cenário marcado pela desigualdade (Ribeiro, 2024), pois escritoras negras que abordam com profundidade as experiências de meninas e mulheres negras, ainda enfrentam limitações significativas no mercado editorial, que historicamente marginaliza suas vozes. Para transformar essa realidade, é fundamental ampliar o espaço para que cada vez mais mulheres negras possam publicar e circular

suas produções, não apenas para denunciar silenciamentos e violências, mas também para expressar conquistas, imaginar futuros e registrar memórias.

Nesse contexto de resistência e afirmação das vozes negras, além da escrevivência, outro conceito importante dentro da literatura afro-feminina é o de “Dororidade”, proposto por Vilma Piedade, em seu livro homônimo de 2017. Enquanto a escrevivência está relacionada às memórias e vivências como forma de resistência e empoderamento, a Dororidade amplia essa perspectiva ao destacar uma sororidade construída a partir do compartilhamento da dor e da luta entre as mulheres negras, criando uma rede de apoio e solidariedade entre elas. Segundo Piedade (2017), a sororidade não é suficiente para descrever a união e a aproximação que as mulheres negras precisam ter umas pelas outras, uma vez que só quem tem a cor negra pode sentir e carregar essa dor: “Dororidade, vem de Dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional [...]. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e ponto (Piedade, 2017, p. 17-18).

O conceito de Dororidade, desse modo, surge com a necessidade de cunhar um termo novo na língua portuguesa que abarque os sentimentos e dores reais das mulheres negras e que carregue, em si, “[...] as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo” (Piedade, 2017, p. 16). Essa dor é muito mais ampla e “dolorida”, uma vez que o sofrimento que a escravização causou é ainda hoje sentida e replicada, na alma e no corpo. Conforme Lélia Gonzalez (2020), essas

experiências de violência e marginalização, derivadas do passado escravista, continuaram sendo reproduzidas mesmo no pós-abolição. É fundamental que essa dor seja reconhecida e compreendida como uma forma de superação, transformando-se em potência e mudanças que tragam avanços e conquistas significativas.

O racismo decorrente do processo de escravização está tão enraizado em nossa sociedade que é naturalizado e reproduzido nas relações cotidianas. Em *Cartas para minha avó*, a narradora-autora nos conta um dos dolorosos episódios vividos de racismo: alguns meninos da escola, durante meses, no recreio, se reuniam ao redor dela e da irmã e gritavam “Orra, neguinha” (Ribeiro, 2021, p. 34, grifo da autora); e todos do pátio riam delas. Logo após esse relato, ela afirma que tiveram “[...] que aprender a lidar com aquilo, ora caladas, ora revidando e xingando de volta”, o que nos mostra outra importante questão em relação às mulheres negras: a estereotipização de que elas são sempre são “fortes”.

No entanto, Ribeiro (2021) afirma que elas não são mulheres fortes por natureza ou genética, mas porque isso lhes foi imposto desde pequenas, tanto no sentido de serem fortes para combater o machismo presente no dia a dia, quanto para enfrentar o racismo. Nesse sentido, tanto a Dororidade quanto a escrevivência contribuem para a superação, pois a partilha de vivências e de dores torna esse fardo menos árduo e menos pesado de ser enfrentado. Conforme nos relata a própria Djamilia Ribeiro (2018, p. 20-21), no seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?*, “reconhecer fragilidades, dores e saber pedir

ajuda são formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada nem guerreira natural: humana”. Ao transformar suas dores em palavras, Djamila reafirma sua humanidade e demonstra que narrar a própria vida é também um ato de reexistência.

3 Djamila Ribeiro: uma leitura emancipatória

A filósofa e escritora afro-brasileira Djamila Taís Ribeiro dos Santos nasceu no ano de 1980, em Santos, no estado de São Paulo. É graduada em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e possui mestrado em Filosofia Política pela mesma instituição. No ano de 2019, foi apontada pela *British Broadcasting Corporation* (BBC) como uma das 100 mulheres mais influentes do mundo. Em 2022, foi eleita imortal da cadeira nº 28 da Academia Paulista de Letras, em sucessão à Lygia Fagundes Telles. Além de *Cartas para minha avó* (2021), também publicou os livros *Lugar de fala* (2017); *Quem tem medo do Feminismo Negro?* (2018); *Pequeno manual antirracista* (2019); *Diálogos transatlânticos* (2020). Em seus livros, trata sobre temáticas como o racismo, feminismo, sexualidade, classe e causas sociais no geral, dando voz à parte da população que sempre esteve relegada ao silêncio. Ao trazer essas temáticas em seus livros, consegue discutir e debater tais práticas apontando, com conhecimento de causa, como funcionam os mecanismos de criação, perpetuação e reprodução desses preconceitos.

Em 2024, “Djamila Ribeiro atingiu a marca de 1 milhão de livros vendidos” (Ribeiro, 2024, *online*), fato que comprova e reafirma sua influência e notoriedade no mercado editorial e junto ao público leitor. Seu nome, hoje, é uma importância referência no campo do feminismo negro. Em uma sociedade excludente, preconceituosa e machista, Djamila tem conseguido, por meio de seu árduo esforço, alcançar um maior prestígio social e poder, a partir da sua voz e da sua escrita, servindo de exemplo para muitas crianças, jovens e adultos que, até então, não se viam representados – como exemplos de sucesso – na cultura midiática. Sua obra evidencia a relevância de nos debruçarmos criticamente sobre questões centrais para a compreensão das desigualdades sociais e das resistências historicamente construídas.

Seu livro *Cartas para minha avó* nos convida a refletir a partir da perspectiva de uma mulher negra, cuja escrita articula vivência, pensamento crítico e posicionamento político por meio de relações intergeracionais marcadas por afeto e saudades. Longe de se restringir a uma narrativa de superação, sua obra propõe caminhos de questionamento, reexistência e transformação social. Ele foi publicado pela primeira vez no ano de 2021, pela editora Companhia das Letras e já ganhou edição portuguesa pela editora LeYa. Está organizado em forma de cartas endereçadas à finada avó, dona Antonia, e é desenvolvido na medida em que a narradora-autora nos conta os fatos de sua vida, perpassando por momentos marcantes de sua infância, juventude e fase adulta.

No início do livro, ela nos conta sobre a saudade que sente da avó e das lembranças que vêm à sua mente quando nela pensa: “Que saudade de suas mãos lindas, mãos com história, com calos, mas macias ao carinhar e trançar meus cabelos” (Ribeiro, 2021, p. 11). Isso nos mostra como seu contato com D. Antonia, apesar da distância geográfica, já que Djamila morava em Santos e a avó em Piracicaba, foi intenso e cheio de alegrias e afetos. A avó representava para ela uma figura amorosa, por isso sempre ansiava pela sua presença e companhia: “O que eu mais gostava era ter você comigo, trançando meus cabelos” (Ribeiro, 2021, p. 12). Percebemos que ambas nutriam uma relação acolhedora e de partilha, mesmo que a avó tenha falecido quando Djamila ainda estava no início de sua adolescência.

Essa relação com a avó faz nascer nela o desejo de lhe escrever uma carta, numa evidente necessidade de mobilizar suas escrevivências e compartilhar da Dororidade: “Faz tanto tempo que queria ter essa conversa com você, vó” (Ribeiro, 2021, p. 126). E assim ela faz. Escreve *Cartas para minha avó*, contando-nos como foi a sua passagem da infância para juventude e, posteriormente, à vida adulta. Uma trajetória marcada por dificuldades e incertezas acerca da vida, mas que, por meio dos estudos e abdicando de muitas coisas, também lhe está permitindo construir um futuro melhor, para ela e sua filha, Thulane.

Apesar da carta ser escrita para a avó, outras mulheres importantes também aparecem, e são importantes na narrativa, a

exemplo de sua mãe, Dona Erani. Na relação com a mãe, chama a atenção a rigorosidade desta na educação dos filhos e a compreensão por parte da narradora-autora de que ela fazia isso pelo medo próprio das mães negras, que não podem “[...] permitir que seus filhos errem” (Ribeiro, 2021, p. 23). Se não aprendessem em casa, a sociedade seria ainda mais dura e punitiva. Ao falar da mãe, ela entende que “Apesar da amargura da vida, de cobrar bastante da gente, de não ter muita paciência, ela nos protegia” (Ribeiro, 2021, p. 35). Esse entendimento, segundo a autora, só lhe chega quando começa a estudar e refletir sobre questões de gênero e de raça. É quando ela vai começar a se questionar: “Afim, como não ser dura quando a vida é assim? Como educar sem bater quando a violência era **herança** e cotidiano?” (Ribeiro, 2021, p. 18, grifo nosso).

Ao entender a mãe, a narradora-autora consegue compreender melhor o fato de o seu pai, ao contrário de sua mãe, ser sempre calmo e compreensivo com eles, fazendo parecer, desse modo, que a mãe era muito mais dura. Ela entende, ao olhar o passado com o seu conhecimento de agora, que o ato de culpar as mulheres é algo muito comum, e que ser dura com os filhos não era apenas um “modo de ser” de sua mãe:

Passamos a vida culpando as mulheres que nos criam, assim como muitas vezes culpei minha mãe, sem olhar para quem nos tira o chão, a casa, as oportunidades. Acabamos sempre onerando outras mulheres pela falta de escolha que nos é imposta. São sempre elas que precisam abrir mão do pouco que têm para alimentar toda aldeia (Ribeiro, 2021, p. 65).

Com o passar do tempo, apesar das apreensões e brigas que eram comuns na infância, ela e a mãe passam a ter um relacionamento marcado pela cumplicidade: “Minha mãe passou a ser minha amiga também. Começamos a sair juntas” (Ribeiro, 2021, p. 61). A Dororidade aparece aqui muito bem marcada, uma vez que elas, a partir da compreensão de serem mulheres e negras, passam a compartilhar sentimentos, dores e vivências. Desse modo, a narradora-autora nos mostra que conseguiu romper com esse modelo rigoroso e punitivo de educação que vivenciou, e cria a sua filha, Thulane, de outro modo, tendo essa cumplicidade desde a infância: “Faço isso por nós, para romper mais um ciclo imposto pelas mãos invisíveis” (Ribeiro, 2021, p. 186).

A infância da narradora-autora foi marcada por muitas inseguranças, tendo sofrido racismo até mesmo de amigas, conforme vemos no seguinte excerto: “Mesmo minhas amigas riam quando algum menino fazia piada comigo, o que me machucava e decepcionava [...]” (Ribeiro, 2021, p. 33). Relatos como esse nos mostram como o racismo machuca, por isso a importância do afeto e da Dororidade para o sentimento de pertencimento a um grupo. É nesse terreno sensível que a escuta se torna mais do que uma prática relacional: ela se transforma em abrigo, em possibilidade de sustentar existências historicamente silenciadas.

Quando a narradora-autora afirma “Não falo muito sobre isso, mas penso que dividir com você será libertador” (Ribeiro, 2021, p.

73), está mobilizando essa dimensão da Dororidade que se constrói entre pares — mulheres negras que se reconhecem na dor uma da outra. A fala carrega o peso de uma experiência marcada por perdas, mas também a esperança de que o gesto de compartilhar, dentro de uma relação atravessada por afeto e reconhecimento mútuo, possa trazer algum alívio. A Dororidade, nesse sentido, não é apenas um conceito: é uma prática que se realiza no ato de confiar, de escutar e de se deixar afetar. Assim, mais do que um simples relato pessoal, a frase carrega, no que chamamos de *escrevivência*, uma dimensão ética e afetiva que atravessa a escrita, desvelando o poder da escuta como lugar de encontro, cura e reconstrução de si.

Em vários momentos de *Cartas para minha avó*, a narradora-autora afirma a importância de se ter amigas e pessoas próximas que entendam e partilhem dos mesmos sentimentos, para que a vida possa correr de maneira mais amena e sem tantas preocupações. Ela nos conta que, encontrar outras mulheres com quem partilhar suas dores, afetos e felicidades, e trazê-las para mais perto, após o nascimento da filha, a ajudou a criar e desenvolver uma relação de apoio e amizade especial. Essas mulheres, de certo modo, ao partilharem suas vivências, como amigas, mulheres e negras, vivenciam a Dororidade.

Frequentemente eu ia à casa das minhas amigas negras, em especial, à da minha grande amiga Flávia, que junto da mãe mimava muito a Thulane. Eu queria que minha filha fosse amada por mulheres como eu, que ela se sentisse preenchida de amor. Conviver com pessoas negras, num

círculo de amor, era uma maneira de cuidar da saúde dela (Ribeiro, 2021, p. 143).

Ela também cria laços de Dororidade com a filha: “Thulane e eu desenvolvemos uma relação muito próxima e intensa” (Ribeiro, 2021, p. 144). Ambas se veem para além do papel de mãe e filha, e, por isso, conseguem desenvolver afeto e amizade uma com a outra, tanto que conseguem se apoiar nas diversas situações cotidianas pelas quais têm de passar: “Thulane e eu montamos um lar [...] Foi fundamental contar com a parceria dela naquele momento, impressionante como ela me apoiou, me compreendeu” (Ribeiro, 2021, p. 184). Essa parceria, marcada pela “força dos olhares cúmplices” (Ribeiro, 2021, p. 51), é muito importante, pois fortalece a autoestima.

Em *Cartas para minha avó*, Djamila Ribeiro consegue abordar questões como o racismo, o machismo e o feminismo, de uma forma sensível, mas reexistente e transformadora, ancorada na ancestralidade e em relações intergeracionais, como vemos na última carta do livro, quando afirma que, “de alguma forma, escrever para você me conectou ainda mais com minha ancestralidade” (Ribeiro, 2021, p. 195). Essa conexão sempre esteve presente no modo como Ribeiro reconstrói a relação entre avó e neta. Ao escrever suas vivências, ela, a narradora-autora, se dá conta, de forma muito profunda, que o reconectar-se com a avó lhe serve de alento para suas angústias e suporte para a sua reexistência, mostrando-nos que Dororidade e escrevivência aqui se imbricam de uma forma muito potente.

4 Considerações Finais

No livro *Cartas para minha avó*, Djamila Ribeiro busca romper com os silenciamentos sobre as experiências de mulheres negras ao narrar suas vivências a partir da sua relação com outras mulheres de sua família. A Dororidade e a escrevivência aparecem como formas de superação ao transformarem o sofrimento, as dores, em força coletiva. A narradora-autora não apenas conta suas experiências, mas reinscreve sua existência na história, recusando os apagamentos que tantas vezes marcam a trajetória de mulheres negras. Sua escrita se faz escuta, memória e resistência - um modo de afirmar sua voz e a de suas ancestrais, tornando visíveis suas subjetividades em um mundo que insiste em silenciá-las.

As relações de maternidade e afetividade são reconstituídas no texto e envolvem sentimentos como o amor, a tristeza e a angústia. Ao serem compartilhadas, essas relações formam uma rede de apoio que fortalece não apenas a narradora-autora, mas também as mulheres negras que estão em seu entorno. Desse modo, podemos afirmar que a Dororidade, enquanto uma experiência transversal nas vivências de mulheres negras, configura-se como um sentimento que se encontra presente na narrativa e serve como fonte de auxílio e apoio para todas as mulheres que, no decorrer da narrativa, acabam percebendo a necessidade de tê-la como base em suas relações afetivas.

A escrita de Djamila Ribeiro, carregada de escrevivência, na voz da protagonista, é fonte de auxílio e ajuda para as mulheres, mostrando formas de superação de dores e angústias. Ela nos ensina que, ao não se afundar “[...] na amargura, pois [teve] uma avó que ensinou que chá de boldo também cura” (Ribeiro, 2021, p. 198), assim também é com a palavra. Ela tem o poder de curar. E, quando a vida vira palavra, Djamila nos mostra e reafirma o poder da escrita, reforçando que essa é uma forma de externalizar as dores, amores e sentimentos que, por não ter – muitas vezes – com quem compartilhar, acabam sendo reprimidos e gerando angústia. Afinal, o ser humano é um ser social e deve compartilhar suas vivências, especialmente as que, como mulheres, tantas vezes são silenciadas.

A partir dessas considerações, salientamos a importância e relevância que a escrevivência têm na vida da protagonista, que faz da escrita uma forma de existir e diminuir suas dores. Ao partilhar vivências, sejam elas por meio de laços e afetos de Dororidade, seja por meio da escrevivência, a personagem consegue se reencontrar e se reconectar a si mesma, tornando a “carga” da vida mais leve. Por fim, destacamos que a leitura dessa narrativa nos permitiu várias reflexões e análises, nos proporcionando um entendimento melhor sobre a importância da Dororidade na relação entre mulheres negras, que resistem cotidianamente. Por meio de uma escrita potente e politicamente engajada, Djamila Ribeiro não apenas reivindica espaço, mas também visibiliza e afirma as vozes de

mulheres negras na literatura, na educação, na academia e nos diversos campos da vida social.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella R. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOLANDA, Priscilla Patrício de; et al. O papel da literatura afro-feminina na educação racial de mulheres negras. In: ZAGO, Maria Cristina (org.). *As várias faces de eva: o feminino na contemporaneidade*. Guarujá: Científica Digital, 2023. p. 228-238.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 578-606.
- RIBEIRO, Djamila. A questão das mulheres negras precisa ser central. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 21-26.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Cartas para minha avó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Blog Djamila Ribeiro*. São Paulo: Assessoria Djamila Ribeiro, 2024. Disponível em: <https://www.djamaribeiro.com.br/biografia-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHMIDT, Simone Pereira. Como e por que somos feministas. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, p. 17-22, 2004.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 91-102, 2010. DOI: [10.11606/va.v0i18.50743](https://doi.org/10.11606/va.v0i18.50743). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; SILVA, Ione Jovino da; MUNIZ, Kassandra da Silva. Letramento de Reexistência - um conceito em movimentos negros. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, [s.n.], p. 01-11, 2018.

.